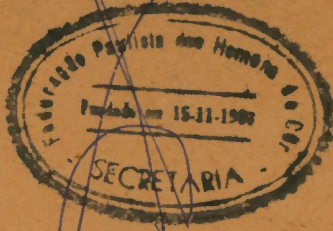


Esta pasta pertence ao Arquivo da F.P. dos Homens
Visto
Presidente



PROGRAMA DOS FESTIVALS DEDICADO A "MÃE PRETA"

N.º 1

PASTA

- 1- Ofício da Comunicação - INDICAÇÃO Nº 290/74.
- 2- PROGRAMA DAS HOMENAGENS A "MÃE PRETA"
- 3- Ofícios - Convites às Autoridades
- 4- RECORTES DOS JORNAIS - DIVULGAÇÃO DAS HOMENAGENS

De 2 de MAIO de 1974

A 29 de SETEMBRO de 1974

Mês SETEMBRO

Ano 1974

Visto
Manoel A. Costa
"Luiz Roberto" 13/5/1984
Campesin

P.1

Nelson Chinólia



O "cruzeiro", lembrança da escravidão em Campinas

No documento, liberdade à mãe escrava

Comemora-se hoje mais um aniversário da libertação dos escravos no Brasil. Campinas, terra dos barões do café, viveu intensamente a história da escravidão chegando a contar, por volta de 1850, com mais negros do que brancos. A tradicional cruz existente na avenida Saudade, conhecida como "cruzeiro", foi erigida em memória a um escravo que se suicidou ao saber que seria torturado. E entre os velhos documentos

da época é de se destacar o termo de alforria à escrava Anna, dada pelo seu próprio filho, Izidoro Gurgel Mascarenhas. Anna teve Izidoro com o seu dono Lúcio Gurgel Mascarenhas. Falecendo Lúcio, o filho tornou-se proprietário de todos os escravos e acabou descobrindo, já moço, que Anna era sua mãe. O texto da alforria, com toda sua curiosa redação, está na reportagem.

(Página 11)

FPHC 2-2

Vide foto 11

A história da escravidão também se fez em Campinas

Nelson Chinalia

Texto: Ismael Pfeifer Fotos: Nelson Chinalia

“Eu, Izidoro Gurgel Mascarenhas, que entre os demais bens que possuo livres e desembargados, bem assim sou senhor e possuidor de uma escrava de nome Anna, me tocou por legítima paterna como consta do inventário feito por meu pai Lúcio Gurgel Mascarenhas. E como a referida escrava é minha mãe, verificando-se a minha maioridade hoje, pelo casamento de ontem, por isso achando-me com direito, concedo à referida mãe plena liberdade, à qual concedo de todo o meu coração”.

Esta alforria à escrava Anna em 17 de setembro de 1869 por seu próprio filho, consta do livro 61 do Cartório 1º Ofício de Campinas. Sob o piso onde hoje o tabelião Carmine Campanhoni assina suas escrituras, na rua Barão de Jaguará, está guardado um dos maiores acervos históricos sobre a vida escrava no Brasil. Campinas, região dos barões do café pós-1850 chegou a ter nesta época do século passado mais negros que brancos.

“Em 1870 Campinas possuía 33 mil habitantes e 17 mil escravos”, sentença o historiador da Unicamp Ademir Gebara. Ele define a cidade como uma espécie de laboratório nacional e o Centro de documentação mais rica sobre sua própria vida entre todos os municípios brasileiros. Aqui, segundo ele, existiu entre 1850 até a libertação, em 1888, um dos maiores contingentes negros do País, graças à ascensão do café que dominou a região.

Em seu mestrado na USP, Gebara cita em determinado momento a consciência dos escravos residentes aqui, definindo-os como culto, mesmo marginalizados: “Não se pode pensar que a cultura está somente no saber ler e escrever. O escravo era culto, em seu modo de vida, nas festas, na participação, nas danças”. Ele diz que a integração do negro à vida da cidade foi ocorrendo naturalmente e que era praticamente impossível se prorrogar o escravismo instituído para além de 88.

Para demonstrar sua tese, menciona anúncios publicados no jornal “Gazeta de Campinas”, onde senhores de fazendas publicavam a fuga de seus homens. Em 1870, o referido jornal trazia notas que denotam o grau de consciência de boa parte deles.

“...Moisés...tem o ofício de pedreiro e usa dele. Levou colher de reboque e calhadeira...”

“...Anacleto...sabe ler e escrever e costuma (quando foge) incluir-se forro e voluntário da Pátria...”

“...Geraldo...desconfia-se que procure trabalho em qualquer estrada de

ferro por ter já sido trabalhador na Jundiá a Santos...”

Os três anúncios publicados em dias diferentes carregam qualidades que a história, em geral, omite. Escravos, ainda considerados objetos, conseguiram ler, escrever, tinham ofício e utilizavam-se de argumentos para manterem-se livres, como o do segundo anúncio, que dizia-se voluntário da Pátria, isto é, ter servido o País na guerra do Paraguai, o que concedia ao escravo o direito de ser livre.

Além da consciência progressiva do negro brasileiro, outro fator impedia que o Brasil sustentasse por mais algum tempo a escravidão. Grupos mais avançados de fazendeiros defendiam a libertação por julgá-la remédio para o aumento da produção e diminuição de seus custos.

Manoel Ferraz de Campos Salles, em 6 de novembro de 1881 escrevia na mesma Gazeta de Campinas sobre este pensamento, 18 anos antes da libertação acontecer. Comparou o Brasil à Guatemala, onde já não havia escravidão e onde os resultados na cultura do café eram superiores, embora as terras brasileiras fossem melhores.

Da mesma forma, Francisco Quirino dos Santos escrevia também na Gazeta, em 1870, sobre cálculos que lhe haviam concedido alguns fazendeiros, comparando o trabalho do escravo e do denominado colono. Considerava que num ano ambos conseguiam colher 140 arrobas de café, mas que os gastos com o escravo faziam com que o colono deixasse ao patrão lucro de Cr\$ 207.000 réis a mais que o outro.

— Em tese, ninguém era a favor da escravidão. Mas ela era mantida pelo relacionarismo conveniente à classe dominante. Aos poucos, no entanto, isto tornou-se impossível e quando veio a libertação, Campinas tinha poucos escravos sem alforria - diz Gebara, que completa dizendo que dos países colonizados o Brasil foi o último a promulgar a libertação dos homens de cor negra.



Nesta igreja, um cemitério de escravos

Izidoro libertou a negra. Na verdade, sua genitora

Alforria à mãe

O historiador Robert Slenes, da Universidade de Colorado, nos Estados Unidos, permaneceu o final da última década estudando a história da escravidão na região de Campinas e encontrou, no cartório do 1º Ofício de Campinas, um documento de libertação que Izidoro Gurgel Mascarenhas concedeu à própria mãe, escrava Anna, em 1869.

A história começa a ser contada oficialmente em 1861, quando o fazendeiro Lúcio Gurgel Mascarenhas realiza seu inventário. Deixa bens para seus seis filhos tidos como adotivos.

Um deles, Izidoro, ao tornar-se maior de idade em 1869 — com o pai já falecido — ganha a posse sobre a escrava Anna, que na realidade era sua mãe “com pai desconhecido”. Imediatamente, ele, mulato dono de terras deixadas pelo pai adotivo, liberta Anna conforme consta no livro 61 em 17 de setembro de 1869 do referido cartório.

O levante

Dona Vitalina Pompeo de Souza Queiroz conta em publicação do século passado sobre o “levante” de negros ocorrido em Campinas em 1850. Na época, menciona ela, Campinas possuía “14 mil brancos e 20 mil pretos”.

O levante era preparado cuidadosamente até que o escravo Josué, pertencente ao fazendeiro Joaquim Egidio de Souza Aranha (depois Marquês de Três Rios), contou ao patrão do que sabia.

A classe dominante, então, mobilizou-se até invadir a chácara “Sampaio Peixoto” onde os planos dos escravos foram desfeitos com prisões e mortes, que no entanto não são documentadas oficialmente. Com indisfarçável parcialidade, a redatora encerra sua matéria: “Depois disso, nunca mais se ouviu falar em levante, naquela terra bafejada pela felicidade”.

A 1ª alforria

Em 1798, bem antes do ciclo do café



No centro da cidade, o comércio de negros



Cruzeiro, pelo escravo morto

na região, houve a primeira carta de alforria concedida em Campinas. Até então, o número de escravos era pouco expressivo na cidade. Entre 1850 e 1880, garantem os historiadores que Campinas possuía até 20 mil escravos, população que superava a de brancos.

A vida escrava era tão intensa que havia inclusive um cemitério para eles, onde hoje existe a Igreja de São Benedito, conforme atesta o jornalista Jolumá Britto, em publicação em 1971. Ele conta também que o “cruzeiro” que hoje fica diante do Cemitério da Saudade, foi erguido em memória de um escravo que suicidou-se ao saber que seria torturado.

A porta da antiga Igreja Santa Cruz, hoje Matriz do Carmo, era posto de venda de escravos. O lugar servia também de pelourinho para torturas. O pequeno bico de água do córrego que hoje passa em frente à EEPSPG “Carlos Gomes”, era o ponto de encontro das escravas lavadeiras.

Em 13 de maio de 1888, quando foi promulgada pela princesa Izabel a libertação da escravatura, Campinas assistiu festa de fogos, danças e cantos. Defronte a Catedral Metropolitana, foram juntados materiais de suplicio que formaram uma enorme fogueira. O dia todo foi tomado por festa, embora naquele ano restassem apenas 5.199 escravos ainda não alforriados na cidade.

Morte ao feitor

No dia 6 de outubro de 1856, na região conhecida como “Capuava”, o feitor José Bueno de Moraes comandava os trabalhos de cerca de 30 escravos. Era bem cedo e dois deles já haviam sido açoitados com 25 chibatadas cada um por estarem “trabalhando mal”.

Até que o negro Athanásio, acusado de não ter limpado como deveria o mato sob o pé de café, foi também condenado aos açoites. Negou a deitar-se para apunhar e então levou uma bordoadada de José Bueno. Athanásio, então, fugiu acompanhado por Domingos.

O feitor os perseguiu tomado de raiva e alguns minutos mais tarde, os próprios escravos encontraram seu corpo estendido. Mais tarde, Athanásio, Domingos e Amaro, também escravos, foram considerados culpados pelo assassinato do feitor e condenados à forca.

Federação comemora. MNU faz denúncias

Os negros, 96 anos depois do 13 de Maio

Ronaldo Faria

Art. 1º - É declarada extinta a escravidão no Brasil.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

"Lei Áurea, 13.05.1888" - Princesa Isabel Mas o que chegou com essa lei de apenas dois artigos? Mudou toda a realidade do negro brasileiro ou continuou, sob novas formas, a "escravidão"? Fazendo 96 anos no dia de hoje, essa lei está chegando ao seu centenário sem, efetivamente, conseguir seu intento. Numa terra onde há a pregação da "democracia racial" e o samba e o futebol são colocados como a prova máxima da integração, os negros ainda tentam redescobrir a sua história e o seu papel social. Mas quem são esses negros? Em Campinas, divididos em movimentos, eles representam um pouco da história da cidade. Criadores de bairros como o São Bernardo e a Ponte Preta, muitos escreveram em revolta e mobilização o seu dia-a-dia. Campinas participou da Frente Negra, o maior movimento nacional que já surgiu entre os negros, e foi um dos focos "libertários", apesar dos seus inúmeros barões. Mas, nem tudo é vitória ou conquista. Há muito ainda a se fazer.

Libertar quem?

Na época da Abolição da Escravatura, Campinas tinha cerca de 16 mil negros, para uma população de 33 mil. Os dias nas fazendas cafeeiras da região continuavam "normais", com os títulos de barão sendo distribuídos para "apagar os republicanos". Explica o professor da Unicamp, Ademir Gebara, que em cada uma das fazendas o número de escravos girava em torno de 35. Mas, se numa esse número podia girar em três ou quatro, em outra (como a fazenda São Pedro, na divisa de Valinhos) ele chegava a mais de duas centenas. O número de fugas já havia diminuído. Entre 1870/87 apenas um negro ti-

nha fugido na região. Havia uma "esperança": a Lei do Ventre Livre.

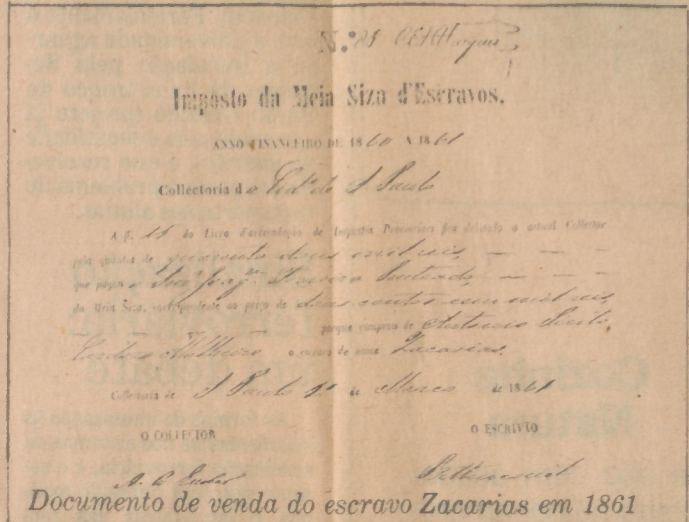
Se antes, em Campinas, era comum se ter fugas em massa - com a posterior criação de quilombos - nos anos que vigorou a Lei do Ventre Livre (28.9.1871) surgiu a "certeza" de que tudo poderia mudar. "Os escravos viram nela uma saída, uma esperança. Se a revolta era uma constante nos anos que a antecederam, explica Ademir Gebara, houve uma espécie de "consenso" com essa lei e o "comportamento" melhorou, segundo estudos de um embaixador inglês em carta ao seu rei.

Entretanto, de acordo com dados levantados por estudiosos negros e a leitura do texto da lei, vê-se que de cada 20 filhos de escravos, apenas um sobrevivia. Além disso, os "livres" eram mandados para a Casa da Roda, ou Asilo dos Expostos - (órgão do governo para assistência aos "negros livres") onde o índice de sobrevivência era de dez por cento. Em 1885 vem a Lei dos Sexagenários, libertando os escravos com mais de 60 anos. Porém, esses escravos tinham, antes, de trabalhar mais três anos para "indenizar" seu proprietário.

"Quando a Lei Áurea chegou o número de escravos já era pequeno e o fazendeiro - que pensa o seu universo em função do mercado de mão-de-obra - viu que era muito mais fácil e econômico a "liberdade". Se um escravo no café, para uma colheita de 140 arrobas, lhe dava um lucro de 393 contos de réis, um colono lhe dava 500 contos de réis. A diferença de capital ficava com a "manutenção" do escravo, além da fuga, enfermidades longas, morte e etc. Teve ainda a tentativa da Princesa Isabel em se firmar politicamente e tentar se transformar numa alternativa para um regime que, a olhos vistos, estava desmoronando. Tentou-se, portanto, com as leis anteriores protelar a libertação. Mas, num dado momento, ela chegou".



José Alberto 75 anos. Participou da Frente Negra



Documento de venda do escravo Zacarias em 1861



A Frente Negra surgiu em 1931, virou partido e acabou em 37

Em Campinas o volume de escravos foi sempre constante, de 1.850 até 1.888. Segundo Ademir Gebara, na cidade não foi também o nível de migração estrangeira (igualmente constante) que determinou as "transformações" na cidade. Muitos escravos - e a Gazeta de Campinas (órgão dos republicanos em ascensão) mostrava em alguns "artigos" - aos poucos conseguiram se impor, aprendendo a ler e escrever. Some-se a isso que muitos escravos fugidos já tinham uma função no mercado de trabalho e se interavam na vida da cidade sem a necessidade de recriar quilombos. Dessa forma, a resistência de muitos proprietários de escravos foi aos poucos reduzindo. Mesmo sendo contra, não havia como não "nadar de acordo com a maré". Assim, em 1.888 fez-se em lei algo irreversível. Mas o que aconteceu daí para a frente com os negros de Campinas?

À beira do caminho

"Não existe nenhum líder negro. Eles só se esboçam, mas não se realizam. Assim que um negro se prenuncia líder, "eles" não deixam. Um pouco como eu: não sou líder. Fui abortado". Seu nome é José Alberto Ferreira, 75 anos, advogado e escritor aposentado, ex-integrante da Frente Negra e da Liga Humanitária dos Homens de Cor. Sentado no quintal da sua casa, onde atende gratuitamente pessoas do bairro - Vila Padre Manoel da Nóbrega - Doutor Ferreira, como é conhecido, fala um pouco do que aconteceu como negro "liberto". Participante de um momento importante na história do país e dos negros - a Revolução de 30 - ele "fez fileiras" com a Frente Negra numa tentativa de conscientizar a raça.

"A Frente Negra foi o único movimento que existiu no Brasil que tentava diretamente a conscientização do negro e a sua função às reivindicações básicas. Ela nasceu em 31, muito no estímulo da Revolução de 30, que despertou uma nova dinâmica para todos brasileiros. Era a nova concepção de nacionalidade que surgia. Logo, os negros também tinham de se conscientizar. O presidente da Frente Negra, a nível nacional, era Olinio Veiga dos Santos ("um dos raros que cresceu e não esqueceu da raça").

"Nós - explica Doutor Ferreira - tínhamos força. Se alguém era preso, logo estava lá um advogado negro para saber com o delegado porque isso tinha acontecido. Mas erramos por tentar entrar solapando, de "chofre". Quem dominava passou a temer e Frente Negra. Mas nós não queríamos guerra. O que nós almejávamos era apenas que fôssemos livres e tendo as mesmas condições de se integrar à sociedade como os brancos tinham. Antes do movimento de 1.930, o negro era só eleitor. A partir daí, com a conscientização, queria também ser cidadão. E o ideal da Frente Negra cresceu entre todos os negros".

Entretanto, a Frente Negra iria sofrer mudanças. Em 32, com a Revolução Constitucionalista, os negros paulistas, em sua grande maioria, se negaram a pegar armas contra Getúlio Vargas. "Final, explica Doutor Ferreira, era ele quem tinha feito 30 e nos dado a chance de brigar". Mas, essa "fidelidade a Getúlio" seria traidora. "De repente foram chegando muitos políticos interessados em arrebatar a Frente. Houve muita infiltração. Quase todos chegavam em nós e diziam: esquece

a Frente, faz um partido. O que resolve é partido político".

Da Frente ao Partido

A Frente Negra virou, então, um partido: Esquerda Democrática, onde negros e comunistas se uniam pela luta a favor dos oprimidos. Porém, parte de uma estratégia Getulistas, a nova constituição da Frente serviu apenas para ser, junto a todas as agremiações políticas, fechada pelo Golpe de 37, que criou o Estado Novo. "Foi uma jogada do Getúlio, que via a força da Frente Negra em todo o país. Daí, com 37, ela foi fechada, já que era partido. Alguns negros foram presos, pois estavam com uma diretriz comunista. Aconteceu aí o rompimento na nossa luta de conscientização".

A empolgação, como define Doutor Ferreira, que já tomava conta da raça negra em São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, principalmente, foi extirpada. "De importante, depois, só o Teatro Experimental do Negro, em 1.950. O pessoal passou, então, a ver que um caminho para a liberdade podia ser o das artes. Um negro daqui de Campinas, Aginaldo Oliveira Camargo, diretor de teatro e ator, chegou a sair na capa de G Cruzeiro e virou nome de rua, pelo seu valor".

Com as artes os negros imprimiam outro eixo para a luta racial pela igualdade. "Mas até hoje, afirma o ex-líder, a nossa situação é dúbia. Muitos dizem que o Brasil é uma democracia racial, que todo mundo é igual, mas isso é pára o turista ver. Eu sou "turrão", "catuira", e não consigo ver isso. O negro não é anti-Brasil, como muitos dizem, por tentar a sua igualdade. Querem apenas seus direitos. O branco também não é culpado. Tem muito branco bom. Só que existe uma cúpula que quer ver o negro preso, apenas com pouca coisa, achando que "para negro isso basta". Mas a solução, para nós, negros, não é a hostilização, pois o branco tem o poder e nos esmagaria".

Doutor Ferreira para e coloca o livro sobre um banco: "é importante que o negro mostre, pela união e pelo conhecimento, que tem valor. Ele atualmente está disperso, sem retaguarda e visto, como coletividade, sem nenhum respeito. E preciso mudar isso. Ainda vemos que muitos negros até conseguem um emprego bom, mas são "congelados" nele. A partir de um certo cargo não sobem mais. Mas o negro quer subir também". Candidato duas vezes a vereador em Campinas, pelo PTB, Doutor Ferreira acredita que tudo ainda possa mudar: "mas o branco gosta mesmo é do negro bonzinho, quietinho no seu canto".

Um dos exemplos que ele usa para isso foi a cassação do ex-prefeito de Santos, Esmeraldo Tarquínio, cassado logo após sua eleição, em 68. Era negro. "Isso foi um baque para os negros, porque muitos passaram a ter um pessimismo grande. Não adianta mesmo lutar, falavam." Mas Doutor Ferreira não se frustrou de todo. "Tinha entrado na Frente Negra com o intuito de ajudar meus patrícios e, depois de formado advogado, agora aposentado, tento ajudar com apoio jurídico gratuito. Mantive o meu ideal".

"Mas o negro mesmo está desamparado e desestimulado. Ele não acredita mais nele. Foi "veneno" que puseram na raça. Só que nós podemos fazer alguma coisa. A Liga Humanitária sobrevive até hoje.

1903: surge um colégio para pobres e negros. E muito bom

Um dos exemplos históricos da luta pela igualdade da raça é o Colégio São Benedito. Fundado em 1.902 por Francisco José de Oliveira, o Colégio, que funcionava na Avenida Moraes Salles, tinha a função de atender os filhos de negros e crianças pobres em geral. Entretanto, seu fim mostrou a desunião que Doutor Ferreira frisou. "Foi de lá, em 1.903, que nós vimos nascer a Federação Paulista dos Homens de Cor. Só que aos poucos, como era um colégio bom e gratuito, muitos políticos foram se infiltrando nele, com o desejo de "ajudar". Eles queriam era um viveiro político, pois os pais das crianças passaram a frequentar o São Benedito".

O colégio passou, então, a mudar seus critérios de ensino e se "misturar" à política. "Foi

quando surgiram uns negros que não ficaram de acordo com o que estava acontecendo e fundaram uma associação própria. Acontece que, além disso, eles reivindicaram a posse do prédio. Daí para a ação judicial foi um passo. "Só que nenhum dos dois grupos tinha recursos financeiros para essa disputa. Aí é que o negro perdeu o seu patrimônio".

A ação rolou mais de trinta anos no Fórum. A tal associação acabou vencendo o processo. Só que, como não tinha dinheiro, foi preciso que tivesse "ajuda". Foi um branco que ajudou e, depois, pediu para ser indenizado. A única indenização cabível era o próprio prédio. No reembolso, foi todo o patrimônio vendido e o colégio São Benedito, que tinha sido uma conquista dos negros, fechou.

Uma "festa". Mas nela haverá protestos

Quando a "festa" começar hoje, às 11 horas, com a missa cantada na Igreja de São Benedito, um grupo estará participando, mas como "panfleteador".

Sem entender direito as "comemorações" propostas pela Federação Paulista dos Homens de Cor, os integrantes do MNU (Movimento Negro Unificado) distribuirão na missa de hoje a sua "realidade". Com o título de

"Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo", o panfleto mostra uma realidade diferente da "alegria da libertação" e de inaugurações como a estátua da Mãe Preta. O MNU, que promoveu ontem um debate sobre a realidade do negro, mostra que ainda há muito para a consagração da liberdade. Talvez o momento atual seja como seu título de palestras: 13 de Maio, Libertação de Quem?

Márcio Roberto do Carmo, presidente do MNU - Campinas, é quem explica os pontos básicos na luta da raça negra: contra o racismo, contra a violência policial, pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil e pelas eleições diretas, já. E por que esse último item? "E bom que se denote que há uma ligação entre o regime e o racismo, onde podemos entender isso até para a própria divisão do trabalho.

Mudando-se o regime, temos, certamente, condições de ampliar nossa luta e nossas reivindicações específicas", explica o presidente do MNU.

Para referendar o que diz, Márcio do Carmo mostra um dado importante: antes de qualquer partido ou sindicato, foi o MNU que, em 1980, fez a denúncia do crescente desemprego. "E que nós, como negros, já estávamos sentin-

do na carne, pois o negro é o primeiro a ser demitido e o último a ser readmitido". Reforçar a mobilização para extinguir efetivamente todas as formas de racismo, é a principal luta do MNU. "Até essa homenagem à Mãe Preta é demagógica. Que se homenageie a mulher negra todos os dias, com empregos dignos e creches para os seus filhos. O resto, realmente, é demagogia".

O negro e a Igreja

RUY NUNES

Nos Estados Unidos, o problema do negro, suscitado pela escravidão e, após a Guerra da Secessão, pela segregação racial, tem sido enfrentado com êxito, e os negros estão a vencer os desafios da sociedade tecnocrática por meio da educação, da competência científica e profissional. No Brasil, onde teoricamente não existe discriminação racial, a situação do negro é muito inferior à do negro dos Estados Unidos, e o que mais se faz por ele presentemente é insistir no cultivo de seus valores africanos tradicionais, especialmente através dos atrativos turísticos de práticas religiosas e folclóricas, lastimarse e gemer pelas desditas passadas, realçando-se as iniquidades da escravidão. Nessa toada piangente do ressentimento escutam-se as vozes de novos cantores que, em vez de melodias, gargarejam ruídos e dissonâncias, comandados pela batuta do pensamento marxista e pela partitura da luta de classes. Desse modo, por exemplo, temos por aqui Eduardo Hoornaert e os seus acólitos, o Hoornaert que Américo Jacobina Lacombe chama de "pretensão historiador de nossa Igreja" (Lacombe, "A obra histórica do padre Hoornaert". Agir, 1983, pág. 14). Pois bem, as pessoas que já leram as garbulhas históricas de Hoornaert dispõem agora de excelente depurativo no livro do Padre J. E. Martins Terra s.j., "O Negro e a Igreja" (S. Paulo, Edições Loyola, 1984) nascido, como diz o autor na conclusão, "da necessidade didática de apresentar, num curso dado nos Estados Unidos, uma reflexão pastoral sobre as raízes do sincretismo afro-brasileiro". O resultado foi uma obra excelente e digna da mais ampla difusão pelos esclarecimentos que presta a respeito do negro, da escravidão no Brasil e da atuação da Igreja na catequese e na pastoral dos escravos, vindo a constituir uma contribuição marcante para a melanologia brasileira.

O autor confessa à introdução que se capacitou, durante a permanência nos Estados Unidos, de que, "na solução dos problemas sócio-econômicos, políticos e religiosos dos negros e das comunidades afro-americanas, os norte-americanos estão mais de um século à nossa frente, e procura dar uma idéia do volume de estudos, escolas e instituições dedicadas aos negros nos Estados Unidos, onde, por exemplo, só em Nova Orleans, cidade de uns 700 mil habitantes, há 20 mil universitários negros, enquanto para os 50 mil alunos da USP e da PUC em São Paulo se registram apenas 500 alunos negros matriculados em cursos de graduação.

A obra "O Negro e a Igreja" divide-se em duas partes. A primeira estuda a escravidão no período colonial e o papel da Igreja na evangelização e assistência aos escravos e na campanha abolicionista. A segunda parte compõe-se de resenhas a respeito das principais obras existentes em nosso meio sobre os negros e comporta preciosas observações críticas, assim como proporciona orientação bibliográfica e boas perspectivas de estudo.

O pe. Terra parte de dois pressupostos. Em primeiro lugar, da convicção fundamental e do reconhecimento de que a escravidão negra foi o maior crime cometido pelo Ocidente cristão, e que em hipótese alguma pode ser justificada. "Sem a escravatura", diz ele, "as potências européias não teriam podido colonizar o Novo Mundo, não teriam podido explorá-lo do modo como exploraram, não teriam podido destruir as culturas pré-colombianas nem implantar uma cultura ocidental. Sem o tráfico negro, a colonização teria seguido outros caminhos muito mais humanos e cristãos", e a evangelização teria incorporado ao patrimônio da Igreja as riquezas espirituais e os valores litúrgicos oriundos das tradições dos indígenas americanos.

O segundo pressuposto é a firme indicação de que não é possível apreciar corretamente os fatos históricos e os valores de épocas transactas com os critérios atuais do homem do século XX. O estudo do passado humano requer essa precaução elementar, que é um princípio da hermenêutica da História, de que é preciso levar em conta a mentalidade e os costumes vigentes num determinado período. Assim, por exemplo, o estudo da história das ciências levou o físico Thomas S. Kuhn, no livro "A Estrutura das Revoluções Científicas", a destacar a noção de "paradigma", peculiar a uma época, conceito que abrange o conjunto dos conhecimentos e das tradições científicas de determinado período histórico e cujo estudo é indispensável ao preparo do candidato à comunidade científica. Martins Terra adota o conceito equivalente de consciência possível, derivado da sociologia do conhecimento, realçado por Goldmann no livro "Ciências Humanas e Filosofia". De acordo com esse princípio, escreve, "todo pensamento é socialmente condicionado e limitado e, devida-mente condicionado, limitam a visão da realidade, há um limite máximo que o conhecimento ou a compreensão de um indivíduo, um

grupo, uma classe social ou toda uma época podem atingir". Entre esses fatores condicionantes do pensamento acham-se a consciência da classe social, interesseira e exclusivista, a religião, as concepções científicas, as ideologias, as solidariedades étnicas e nacionais, o gosto artístico, etc. Entretanto, previne Martins Terra, "o princípio hermenêutico da consciência possível não pretende justificar erros do passado, mas explicar como eles aconteceram". Ora, é exatamente a ausência desse critério básico da historiografia que se tem feito notar em obras dos modernos historiadores que se arrogam o direito de julgar o passado pela óptica do marginalizado atual e com a mentalidade do homem contemporâneo.

Partindo desses dois pressupostos, o autor do livro "O Negro e a Igreja" aponta o papel da Igreja na defesa dos direitos dos negros no Brasil, denuncia as falsificações e as fraudes na história da escravatura, analisa a escravidão na antiguidade e nos tempos modernos, discorre sobre a ética cristã e a escravidão, descreve a evangelização do negro na África e no Brasil, documenta a atuação da hierarquia episcopal quanto à escravidão do negro no Brasil e a participação da Igreja na campanha abolicionista. Parece-me que o ponto alto da obra está na consideração de questões como os escravos dos jesuítas, os escritos jesuíticos em prol dos escravos negros e o pretensão tráfico negreiro exercido pela Companhia de Jesus. Martins Terra demonstra com fatos e documentos que os jesuítas se empenharam não só na pura e simples evangelização dos negros como, também, naquilo que hoje a Igreja chama de inculturação da fé, ou seja, o método de evangelização em que se adotam e aproveitam os ritos e os costumes de negros e indígenas, que não colidam com os dogmas da fé. Ora, observa o pe. Terra, "a grande originalidade da experiência missionária jesuítica no século XVI foi exatamente a indigenização da teologia e da liturgia", como o atestam os feitos de Mateus Ricci na China, João de Brito em Maduré, Roberto de Nobili na Índia, Baltasar da Costa em Travancor, Pedro Claver em Cartagena, Nunes Barreto na África e Anchieta no Brasil. Particularidades notáveis do livro ressaltam na descrição dos aldeamentos jesuíticos de negros da África e do Brasil, onde eles eram educados religiosa e profissionalmente como, por exemplo, em terra brasileira, na modelar Fazenda Santa Cruz em que os escravos se instruíam, aprendiam um ofício, se ocupavam do pastoreio e da criação do gado e que, em 1759, ao serem expulsos os jesuítas, contava com 1.500 escravos.

Ao mesmo tempo em que repele as injúrias feitas ao grande Vieira, e desfaz equívocos e fraudes perpetradas por Hoornaert, o Pe. Martins Terra salienta a intervenção dos papas e dos bispos em favor dos escravos e mostra a maneira caridosa e sábia com que os jesuítas e os membros de outras ordens religiosas procuraram amenizar a sorte dos negros numa época em que se admitia como procedente a posse de escravos. "Talvez com bastante anacronismo, diz ele, olvidando a pressão dos condicionamentos culturais da época e do lugar, se possa afirmar que a Igreja não fez tudo o que podia ter feito para vetar e eliminar a instituição da escravatura na América Latina, mas o que não se pode aceitar — sem muitas distinções, exceções e reservas — é a afirmação dos bispos latino-americanos em Puebla de que infelizmente o problema dos escravos africanos não mereceu por parte da Igreja a devida atenção evangelizadora e libertadora."

Na segunda parte da obra aparecem os livros em desfile, relativos ao negro e à escravidão no Brasil. Com muita objetividade e espírito crítico examinam-se os aspectos positivos e negativos de obras famosas como as de Antonil, Jorge Benci, Artur Ramos, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Roger Bastide, Almeida Prado, e de autores recentes como Clóvis Moura, Abdias Nascimento, Edson Carneiro, etc. Martins Terra estende-se bastante na apreciação de uma tese de mestrado do seu confrade jesuíta João Manoel Lima Mira, "A Evangelização do Negro no período colonial brasileiro", e a crítica até parece o texto da sua arguição. Essa monografia é verrumada e esviscerada com serenidade e acume crítico e devidamente reduzida à sua insignificante dimensão. O mal de Mira — res miranda — foi ter rezado pela cartilha de seu mentor historiográfico, Eduardo Hoornaert, cujas fraudes Lacombe e Martins Terra escalpelaram. Como diz o Evangelho, se um cego conduzir outro cego, os dois vão cair no abismo. Foi o que se deu com Mira que, de modo estranho e afrontoso, menoscabou o passado heróico de sua Companhia no Brasil, ao ultrajar as grandes e admiráveis figuras de seus confrades que semearam no Brasil a palavra de Deus com sangue, suor e lágrimas numa epopéia imortal.

[1984]

Mãe Preta: Campinas vai ter réplica do monumento da Capital

Campinas vai ter o seu monumento em homenagem à Mãe Preta, aquela que, por não distinguir cor de pele, manifestou todo o seu amor, amamentando com um mesmo carinho o rico ou pobre, a preto e branco, sendo que muitos deles, hoje, são homens ilustres e de bem na sociedade brasileira.

O monumento que deverá ser instalado no Largo São Benedito, defronte à Igreja, será uma réplica do existente no Largo Paissandu, em São Paulo, já tradicional pelas romarias que o visitam, além de ser considerado um Santuário, onde se devota o respeito a toda boa Mãe Preta.

Segundo o artista plástico, Renato Ferreira Corte Real, que vem supervisionando os trabalhos, "a obra, que é uma determinação do prefeito José Nassif Mokarzel para homenagear a todas as Mães Pretas do Brasil, deverá estar concluída dentro de aproximadamente 4 meses". Acrescentou que a fase mais difícil já está superada, que é a moldagem, exatamente onde se requer técnica aprimorada, experiência e domínio completo da arte.

Concluído, o monumento mostrará uma Mãe Preta, majestosa e orgulhosa amamentando um robusto bebê, onde o detalhe importante é a sua cor em ouro, simbolizando uma criança branca ou preta.

A arte é de Júlio Guerra, escultor consagrado nos meios artísticos nacionais, responsável por monumentos e obras consideradas das mais expressivas. Amigo e companheiro de Brecheret — escultor de inúmeros trabalhos como o que homenageia "As Bandeiras", em São Paulo, Júlio Guerra, por si só já é uma certeza que Campinas terá mais uma obra de arte em suas praças, pois ele é autor de, entre outras peças, do famoso Monumento A Borba Gato que se encontra em Santo Amaro.

Antonio Di Giorno, não menos famoso, é o responsável pela fundição da obra. Trata-se da execução de um trabalho puramente artesanal, cuja atividade se encontra em extinção no Brasil, tal a dificuldade e a maneira de ensinamento dessa difícil arte, transmitido de pai para filho. Atualmente, Di Giorno é responsável pelas atividades da Fundição Arte, em São Paulo.



“Mãe Preta” tem monumento

A Praça Anita Garibaldi ganhará no dia 13 de maio um monumento em homenagem à “Mãe Preta”, considerada a mãe de duas gerações. A comemoração terá início às 11:00 horas com uma missa na Igreja São Benedito e às 12:00 será inaugurado o monumento.

A iniciativa foi do falecido ex-prefeito José Nassif Mokarzel em 1974, quando vereador, se concretizando 10 anos depois, na gestão Magalhães Teixeira.

A história das mães negras teve seu início na época da escravidão, quando amamentavam os filhos dos senhores de engenho e barões. Essas mulheres eram pajens e nutrizes e contribuíam para a formação moral sem distinguir a cor de pele, manifestando amor e dedicação a essas crianças.

O Presidente da Federação Paulista dos Homens de Cor, Benedito Evange-

lista, 82 anos, é que vem nesses anos todos batalhando pela edificação do monumento, que segundo ele “é uma demonstração de carinho, sendo apenas um símbolo do que foi e é a Mãe Preta no Brasil”. Quanto ao preconceito racial tão discutido atualmente, afirmou não encontrar discriminação. Existem outras entidades que lutam pela integração do negro na sociedade, como a Liga Humanista dos Homens de Cor e o Clube Cultural de Campinas.

A arte é de Júlio Guerra, escultor consagrado nos meios artísticos e Antonio Di Giorno é o responsável pela fundição e a placa foi feita por José de Oliveira, o fundador do Colégio São Benedito. Um monumento nos mesmos moldes foi levantado no Largo Paissandu, em São Paulo, já tradicional pelas romarias, que o visitam, além de ser considerado um Santuário, onde se devota o respeito à Mãe Preta.

CORREIO POPULAR

Campinas, sexta-feira, 11 de maio de 1984 — Nº 17.338



Monumento em homenagem à 'Mãe Preta'

A Praça Anita Garibaldi ganhará no dia 13 de maio um monumento em homenagem à "Mãe Preta", considerada a mãe de duas gerações. A comemoração terá início às 11h com uma missa na Igreja São Benedito e às 12h será inaugurado o monumento.

A iniciativa foi do falecido ex-prefeito José Nassif Mokarzel em 1974, quando vereador, se concretizando 10 anos depois, na gestão Magalhães Teixeira.

A história das mães negras teve seu início na época da escravidão, quando amamentava os filhos dos senhores de engenho e barões. Essas mulheres eram pajens e nutrizes e contribuíam para a formação moral sem distinguir a cor de pele, manifestando amor e dedicação a essas crianças.

CORREIO POPULAR

Campinas, domingo, 13 de maio de 1984 — Nº 17.340

Luiz Antonio Granzotto



“Mãe Preta” já tem monumento

O velho sonho do ex-prefeito José Nassif Mokarzel foi realizado neste domingo: na Praça Anita Garibaldi, localizada à frente da Igreja São Benedito, o prefeito José Roberto Magalhães Teixeira inaugurou o monumento à “Mãe Preta”, que é uma réplica do monumento que se encontra no Largo Paissandu, em São Paulo. A inauguração foi realizada pela manhã, com a presença de dezenas de pessoas, dentre elas o presidente da Federação Paulista dos Homens de Cor, Benedito Evangelista.

CORREIO POPULAR

Campinas, domingo, 13 de maio de 1984 — Nº 17.340

Canto de amor ao meu irmão de cor

Arita Damasceno Pettená

Não evoco, neste instante, meu irmão de cor como um dos passageiros da agonia dos navios negreiros, cantados pelo poeta abolicionista, Castro Alves, e vindo aos bandos de além-mar para servir de escravo a "um povo que a bandeira empresta para cobrir tanta infâmia e covardia!" Não evoco seu sofrimento. As correntes que o dilaceravam. Nem mesmo a dor imensa de se verem separados dos que lhe eram mais queridos, para serem vendidos, como objetos sem vida e sem alma, aos mercenários do Novo Mundo. Rendo, sim, meu minuto de silêncio ao grito sufocado dos porões, quando a morte, entre tantos pesadelos, se transformava no caminho único para a sonhada liberdade, a maior dádiva que Deus poderia oferecer ao homem. Rendo, sobretudo, minha homenagem à Mãe Preta que, segregada dos seus, embalava o filho pequenino do Senhor, acalentando-o com canções nostálgicas, misto da ternura que por ele sentia e da saudade doída da Pátria distante.

De suas entranhas, haveria de brotar uma geração marcada pela fortaleza de seu espírito e pela grandeza de seus sentimentos. Uma geração que, vencendo as adversidades do meio, os preconceitos de raça, respondia, com sua garra, às hostilidades do branco, contribuindo, valorosamente para o desenvolvimento de uma Nação. E hoje, a presença marcante de esportistas, poetas, artistas, cantores, músicos, escritores, destacados líderes negros, são uma resposta não só à sua fibra, mas também ao desejo de Frederick Douglas, que sonhava vê-los integrados como cidadãos, quando assim se exprimia: "O que peço para o negro não é benevolência, nem piedade ou simpatia, mas justiça pura e simplesmente. Se o negro não conseguir se

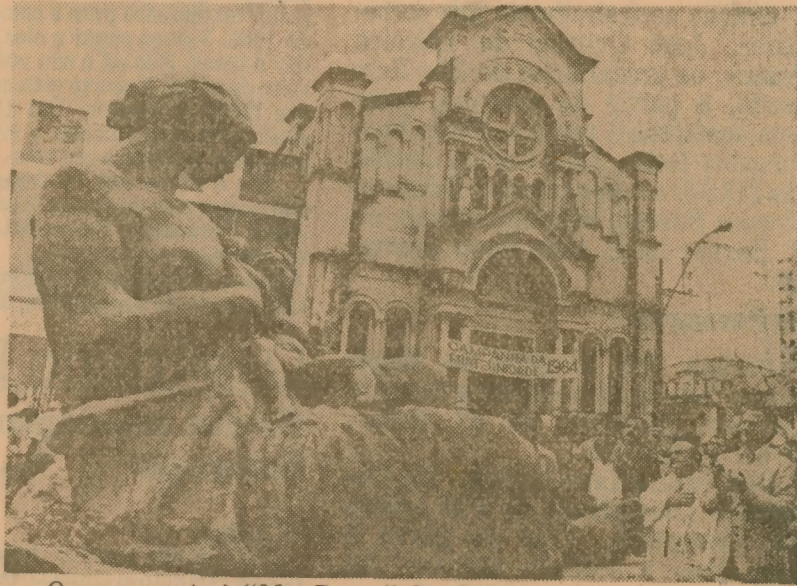
manter sobre os próprios pés, deixai-o cair. Tudo o que peço é: dai-lhe uma chance de se manter de pé. Deixai-o em paz". E conscientes de sua força, suas histórias foram varrendo fronteiras. A Cabana de Pai Tomás, descrevendo, de forma dramática, os sofrimentos e o tratamento cruel dispensado aos escravos haveria de se transformar, para os leitores do mundo inteiro, no retrato fiel da escravidão: Traduzido em várias línguas, reescrito como peça teatral, palco de enormes platéias que não podiam sufocar o choro diante da vida infeliz de Pai Tomás, o livro de Harriet Stowe comoveu, de tal maneira, as pessoas que Lincoln, quando apresentado à autora, e reconhecendo-lhe a influência nos anos decisivos da Guerra Civil, assim se manifestou: "Esta, então, é a mulherzinha que desencadeou esta guerra tão grande?" Convencidos ainda de que um dia ocupariam um lugar ao sol, dentro de um mundo ofuscado pelos obstáculos criados pelos tabus e algemas raciais, os negros foram derrubando, pouco a pouco, as barreiras que lhes eram impostas, seguindo os desejos últimos do testamento de Mary Mc Leod: "Deixo-vos a dignidade racial, porque, como raça, haveremos de legar algo ao mundo, conscientes de nosso lugar no panorama geral do desenvolvimento humano".

Hoje, mais do que nunca, na humildade do meu gesto, canto um hino de amor ao meu irmão de cor. Um hino tão cheio de esperança que me leve até o passado para sentir de perto a figura lendária de meu Preto Velho. Um hino tão cheio de poesia que me traga até o presente o sorriso branco de Mãe Preta, caindo como bálsamo sobre o meu olhar tão triste...

Diário do Povo

Campinas, terça-feira 15 de maio de 1984

Mãe Preta



O monumento à "Mãe Preta", localizado em frente a Igreja São Benedito, foi inaugurado no último domingo - o dia da libertação da escravatura - pelo prefeito Magalhães Teixeira. O monumento, que foi iniciativa do ex-prefeito José Nassif Mokarzel quando vereador e concretizado 10 anos depois, é a réplica de outro existente no Largo Paissandú, em São Paulo, e foi esculpido por Julio Guerra, sendo que a placa é de autoria de José de Oliveira, fundador do Colégio São Benedito. O padre Santo Capriotti abençoou o monumento.

Assinatura do Protocolado: 26.990/82
7-12-82 - S.C.P.

FPHC 2-12

FEDERAÇÃO PAULISTA DOS HOMENS DE COR

Campinas, 07 de Março de 1983

Illmo. Sr. Antonio Carlos Guedes Chaves
D.D Secretário Municipal de Cultura Esporte e Turismo.

A Federação Paulista dos Homens de Cor, com sede nesta cidade, sito a Rua Pamaris, 44 - Vila Miguel Vicente Cury, reguerente do Protocolado / nº 29.591 de 10/10/74 . Referente ao Movimento a "Mãe/Preta" a ser erigido nesta cidade, conforme já foi objeto de apreciação por parte do outro Executivo, e nesta oportunidade na qualidade de Diretor Presidente da Entidade acima referida, venho mui respeitosamente, solicitar a Vv⁰Excia a reativação e proseguinto do processo referente ao citado Movimento.

Sem mais com suas prescisas

Atenções

Subcrevo-me

Benedito Evangelista

Diretor Presidente

BRONZES ARTÍSTICOS **FUNDI-ARTE**

Flavio Di Giorno

AVENIDA IRAI N.º 1805 (Fundos) — INDIANÓPOLIS — TELEFONE: 61-7806 — SÃO PAULO

R E C I B O

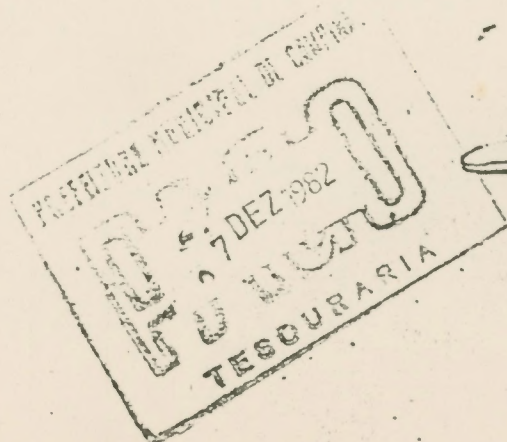
Cr\$ 2.150.400,00

Importância referente ao ADIANTAMENTO, da 1ª Parcela do Serviço de Fundição em Bronze da obra Mãe Preta, a pedido da PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO, conforme protocolo nº 26.990/82, de 08 de Setembro de 1982, conforme orçamento enviado à V.Sas. no total de Cr\$ 6.400.000,00 mais Cr\$ 768.000,00 referente ao I.P.I., perfazendo um total de Cr\$ 7.168.000,00, que serão saldados da seguinte forma:

2ª Parcela - 60 dias desta data	Cr\$ 1.254.400,00
3ª Parcela - 90 dias desta data	Cr\$ 1.254.400,00
4ª Parcela - 120 dias desta data	Cr\$ 1.254.400,00
5ª Parcela - após a entrega do trabalho	Cr\$ 1.254.400,00

Conforme especificação acima e sinal que ora recebo, assino o presente, dando quitação do referido nesta data.

São Paulo, 18 Novembro de 1.982.



Flavio Di Giorno
FLAVIO DI GIORNO.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

SECRETARIA:- GABINETE DO PREFEITO

DEPARTAMENTO:- 31 DEZ 1982

Nota de Empenho N.º 284/2

Centro de Custo

Processo Número 7063

Ordinário Estimativa Global

1.ª VIA CONTABILIDADE

RP

1069, 82

Classificação Funcional Programática

9.5.0/10.60.3282/085/3132

Credor FLAVIO DI GIORNO Fone 61-7806

Endereço AVENIDA IRAI N.º 1805 Cidade SÃO PAULO

Condições de Pagamento Prazo de Entrega

Local para Entrega/Execução

Concor. N.º Ind. Lic. Tom. de Preço Convite N.º Amil. N.º Protoc. N.º 26990/82

AUTORIZAMOS O FORNECIMENTO DOS MATERIAIS OU EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS A ESTA PREFEITURA MUNICIPAL, OBEDECIDAS AS CONDIÇÕES E ESPECIFICAÇÕES CONSTANTES DESTA NOTA DE EMPENHO.

ESPECIFICAÇÃO DOS MATERIAIS OU SERVIÇOS	V. UNIT.	IMPORTÂNCIA
01 ESCULTURA EM BRONZE		
SALDO A INSCREVER EM RESTOS A PAGAR/82	-	5.017.600,00
POR CONTA DO EMPENHO POR ESTIMATIVA		
TOTAL Cr\$		5.017.600,00

EMITIDA POR EXPEDITO DOS SANTOS Encarregado Geral 29 | 12 | 82

ORDENADOR DA DESPESA

CONTABILIZADA POR

Demonstrativo da Dotação e Contabilização		
Inicial ou Saldo	Empenho	Saldo Disponível
	5.017.600,00	

RECEBIDO MATERIAL DO SERVIÇO

AUTORIZO O PAGAMENTO,

(a)



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

SECRETARIA:- CABINETE DO PREFEITO

DEPARTAMENTO:-

Nota de Empenho N.º 284 Centro de Custo Processo Número

Ordinário Estimativa Global 1.ª VIA CONTABILIDADE

Classificação Funcional Programática

9.5.0/10.60.3282.085/3132

Credor FLAVIO DI GIORNO Fone 61-7806

Endereço AVENIDA IRAI, FUNDOS (Indianópolis) 1805 Cidade SÃO PAULO

Condições de Pagamento Prazo de Entrega 180 d.a contar da ent. do empenho

Local para Entrega/Execução

Concor. N.º Tom. de Preço Convite N.º INDEPENDENTE DE LICITAÇÃO Amil. N.º Protoc. N.º 26990/82

AUTORIZAMOS O FORNECIMENTO DOS MATERIAIS OU EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS A ESTA PREFEITURA MUNICIPAL, OBEDECIDAS AS CONDIÇÕES E ESPECIFICAÇÕES CONSTANTES DESTA NOTA DE EMPENHO.

ESPECIFICAÇÃO DOS MATERIAIS OU SERVIÇOS	V. UNIT.	IMPORTÂNCIA
01 Escultura em bronze		7.168.000,00
TOTAL Cr\$		7.168.000,00

SCA/04/11/82
RASP.

EMPENHO POR ESTIMATIVA

EMITIDA POR Neide Gonçalves 12 | 11 | 82

ORDENADOR DA DESPESA DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL

PREFEITO MUNICIPAL

CONTABILIZADA POR

Demonstrativo da Dotação e Contabilização		
Inicial ou Saldo	Empenho	Saldo Disponível
7.203.287,95	7.168.000,00	35.287,95

RECEBI O MATERIAL O SERVIÇO

AUTORIZO O PAGAMENTO,

CORREIO POPULAR

Quinta-feira, 5 de dezembro de 1974

Homenagem à "Mãe Preta"

O Prefeito Municipal, Lauro Pericles Gonçalves, recebeu com simpatia a sugestão do vereador da ARENA, José Nassif Mokarzel, no sentido de ser levantado no Largo S. Benedito, um pequeno monumento em homenagem à "Mãe Preta", que, anualmente, no dia 13 de maio, data que assinala a emancipação dos escravos, receberia a homenagem da Federação Paulista dos Homens de Cor e de todas as pessoas da comunidade campineira.

Na solicitação do aludido vereador, exarou o prefeito o seguinte despacho: "Devolva-se à Ilma. Câmara, para conhecimento da manifestação da SECT, que merece plena aprovação deste Executivo, que, neste ensejo, manifesta haver recebido com simpatia a idéia da justa homenagem que deve ser tributada à "Mãe Preta", esperando torná-la realidade em outra oportunidade".

"Dia da Mãe Preta" Edil quer monumento

Transcorrendo no próximo dia 25 o "Dia de Gratidão à mãe preta", considerada 'mãe de duas gerações', o vereador José Nassif Mozkazel renovou seu apêlo ao prefeito municipal, Lauro Pericles Gonçalves, no sentido de ser erguido no largo S. Benedito, defronte à Igreja ali existente, um pequeno monumento dedicado à mulher negra, que papel tão destacado teve na história do Brasil, nos alares, como nutriz e pajem e com influência na formação física moral e intelectual das gerações brasileiras.

Na capital, já existe o monumento à Mãe Negra, no largo Paissandu, um monumento à mãe negra. O vereador arenista pretende, agora, que idêntica homenagem seja levada a efeito em Campinas, contando nesse trabalho com o apoio da Federação Paulista dos Homens de Cór.

2 CORREIO POPULAR de 5-09-76

A Federação Paulista dos Homens de Côm DE Campinas

Congratulando com o Nobre Vereador "DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL" autor da propositura em plenário da nossa Camara Municipal de Campinas, pedindo-á que fosse mandado erigir uma Estatua, em frente a Igreja de São Benedito, em homenagem a "MÃE PRETA" nesta oportunidade.

Saudando pois a data de 28 de Setembro de 1974.

A DIRETORIA

AGRADECE

Diário Oficial do Município

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

(LEI N.º 2819, DE 22 DE FEVEREIRO DE 1.963)

CAMPINAS — Terça-feira, 3 de Dezembro de 1974

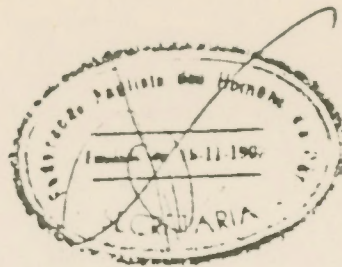
N.º 1179

PODER EXECUTIVO

31.859/74). Aprovando a manifestação do Sr. Secretário de Administração, determino a devolução da presente Indicação à E. Câmara, para ciência.

Da C.M. — Ver. Amaury Frattini (Prot. 31.283/74). Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal. Informo a V. Excia. que o Município mantém convênio com o Estado em relação ao fornecimento e conservação do material do Corpo de Bombeiros e sempre tem atendido as solicitações que lhe são encaminhadas, com a devida tramitação, pelo digno Comando daquela unidade.

Da C.M. — Ver. José Nassif Mokarzel (Prot. 14.985/74). Devolva-se à Ilma. Câmara, para conhecimento da manifestação da SECET, que merece plena aprovação deste Executivo que, neste ensejo, manifesta haver recebido com simpatia a idéia da justa homenagem que deve ser tributada à "Mãe Preta", esperando torná-la realidade em outra oportunidade.



Recortes dos Jornais

Divulgação das
Homenagem

* *
*

FESTA DE SÃO BENEDITO

COM

Uma Homenagem do Povo de Campinas á

"MAE PRETA"

HOMENAGEM PROMOVIDA — TRIDUO SOLENE

Dia 26, 27 e 28 de Setembro - Missas às 7, 15 e 19 hs. com pregação e Oração à São Benedito

Dia 29 Domingo - Dia das Festividades

Missas às 7,30 - 9 hs. - 11 hs., 17 hs. e 18,30

As 18,30 - Missa Concelebrada na Intenção dos Paroquianos, Benfeitores, Amigos e Devotos de São Benedito, e uma homenagem especial, a "MÃE PRETA". Os cantos estarão a cargo do Coral DONA MARIA N. BALTAZAR.

Dia 30 - Segunda - Feira

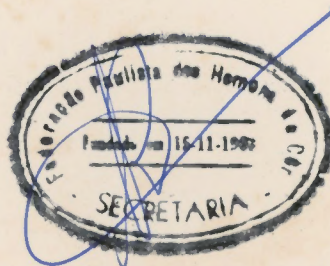
às 19 hs. Missa pelas almas dos Paroquianos, Benfeitores, Amigos e Devotos de São Benedito (falecidos).

PARTE EXTERNA

Dia 29 - A Parte externa das Festividades constará de um Almoço de participação às 12 na Creche Bento Quirino, e nos Dias 28 e 29 também estará funcionando um Bazar Beneficente no Salão Paroquial.

Tomará parte nesta festividade a Corporação Musical Campineira dos Homens de Côr.

Oficios AS AUTORIDADES



* *
*



Campinas, 9 de Outubro de 1974.

Ilmo. Snr.
 Dr. Lauro Pericles Gonçalves
 M.D. Prefeito Municipal
C a m p i n a s

A FEDERAÇÃO PAULISTA DOS HOMENS DE COR, entidade devidamente registrada nesta cidade, vem, mui respeitosamente à presença de V. Excia., através do seu presidente, a fim de formular um veemente apêlo no sentido de que seja erguido, no Largo S. Benedito - defronte ao tradicional templo católico, um pequeno monumento em homenagem à MÃE PRETA, como perene homenagem de Campinas á figura dessa mulher que teve atuação destacada no desenvolvimento socio-economico de nossa Pátria.

Desnecessário encarecer a V. Excia. a justeza do presente pedido. Estudioso da nossa historia, homem de alta compreensão civica, como já demonstrou reiteradas vezes, V.Excia. sabe muito bem o significado do papel desempenhado pela Mãe Preta, exemplo de sacrificio, dedicação e Amor na própria formação historica do Brasil.

A FEDERAÇÃO está a par da politica de restrição econômica que V. Excia., acertadamente, vem adotando, numa época de dificuldades gerais, decorrente de varios fatores. É porisso que pleiteia um monumento simples que não significasse um gasto pesado para o erário publico. Queremos lembrar que um vereador de nossa Câmara Municipal, sr. José Nassif Mokarzel, já apresentou uma indicação a respeito do assunto, sugerindo essa homenagem. A FEDERAÇÃO, portanto, reforça êsse apêlo e confia no alto espirito civico de V. Excia. determinando a feitura de um projeto do futuro monumento á Mãe Preta, comprometendo-se a colaborar, por todos os meios, para que tão nobre objetivo seja alcançado.

Com os protestos da mais alta estima e consideração,

ATENCIOSAMENTE

Benedito Evangelista
 Presidente -

Campinas 9 de Outubro de 1974

Protocolo nº 29591
 10-10-974

Prot. 26990/82

FPHC 2-25

Encontra-se com o Sr. Dr. Antonio David
Vicente - Coordenador de Apoio aos Equipamentos
Sendo que o mesmo encontra-se viajando e
deverá estar aqui amanhã. (dia 25/1).



Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo

(CÓPIA).

INDICAÇÃO Nº 290/74

Ao se aproximar o 13 de maio, data dedicada às comemorações de Libertação dos Escravos e, sendo este o ano em que nossa cidade comemora seu Bicentenário, veio-nos à mente o fato de que, em Campinas, não há qualquer monumento que lembre o quanto a Raça Negra colaborou para nosso engrandecimento.

Nada mais justo, que, no ano do Bicentenário, se pensa em incluir nas festividades de sua comemoração, uma homenagem à Raça Negra, razão pela qual INDICAMOS ao Sr. Prefeito Municipal determine estudos visando à construção de um monumento à "Mãe Preta", simbolizando o quanto esta cidade é grata ao trabalho desenvolvido pela Raça Negra. Outrossim, INDICAMOS ao Sr. Prefeito Municipal que o mencionado monumento venha a ser erigido no Jardim - São Benedito, próprio municipal tão ligado às nossas tradições.

Sala das Sessões, 2 de maio de 1974

a) JOSÉ NASSIF MOKARZEL

1119
 Sr. Dr. José Nassif Horkazel

Ill. D. Prefeito Municipal de Campinas.

Esta

A Federação Paulista dos Homens de Cor - requerente - do protocolo nº 29591, em data de 10 de Outubro de 1974, o qual levou conhecimento ao Sr. Prefeito Municipal desta cidade, que a entidade acima referida estava promovendo um movimento cívico, alusivo ao dia das Mães, assim sendo corbe por bem através de um simpósio que pedir apoio da Honra Câmara de Vereadores, afim de colaborar com esta justa solenidade, o qual já também do conhecimento de V. Excia na época, na qualidade de seu digno Vereador tendo apresentado a indicação nº 290/74, sobre a construção de um monumento à Mãe Preta, indicação essa que após ter sido apreciada pelos demais edis, foi encaminhado ao Executivo o qual tomou o nº 14.985/70. o qual também simpósio com a referida proposição, conforme foi publicado em data de 3 de Dezembro, mas após em ato oficial o mesmo Executivo negou, pedindo o arquivamento, notando pois nesta oportunidade, sem esta Diretoria pedir novamente o nosso apoio embora em data recente.

Campinas 29 de Dezembro de 1982

Wladimir Romualdo Presidente. Wladimir Romualdo

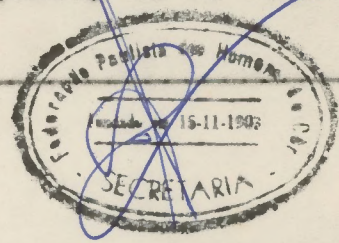
EXMO. SR. COMENDADOR PAULO SOUZA
M.D. PRESTANTE CIDADÃO CAMPINEIRO

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas,
devendo realizar-se as Homenagens dedicada ao Dia 28 de Setembro dia
da "MÃE PRETA", não podíamos deixar de vos convidar, afim de tomar -
parte neste festival Cívico e Patriótico, o qual não será Dispensável
a vossa presença.

Assim sendo, desde já agradecemos.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



Local :- Em frente a IGREJA SÃO BENEDITO.
Horario - : às 20 horas - (palanque)

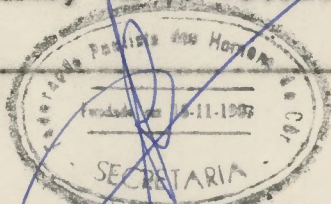
EXMO. SR. DR. DOMINGOS FRANCIULI NETO
M.D. JUIZ DE DIREITO E DIRETOR DO FORUM DE CAMPINAS

Copia

A Federação Paulista dos Homens de Cor desta cidade, -
devendo prestar no dia 28 de Setembro proximo sabado, uma homenagem -
ao dia da "MÃE PRETA", tomo a liberdade de convidar a V. Excia, pa-
ra que nos possa prestigiar com sua presença nesta solenidade Civica
e Patriotica.

Sem mais com os nossos agradecimentos subscrevo-me.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



Local :- Em frente a IGREJA SÃO BENEDITO
Horario:- ás 20 horas (palanque).

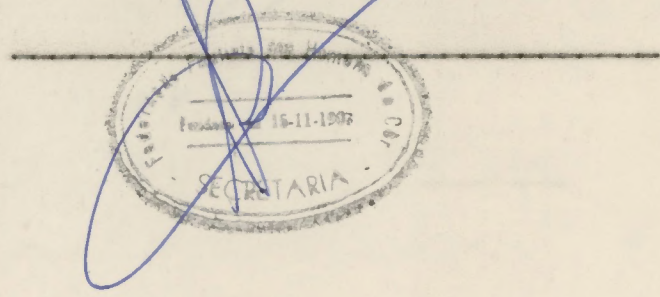
EXMO. Sr. FRANCISCO SOARES
M.D. MEMBRO DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO CAMPINEIRA DE EMPRENSA

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, toma a liberdade de vos convidar a V.Excia., afim de comparecer nas Homenagens que será realizada no proximo dia 28 de Setembro as 20 horas, em frente a IGREJA SÃO BENEDITO dedicado ao Dia da "MÃE PRETA" (palanque).

Assim sendo contando desde já com sua presença.

Grato subscrevo-me
Campinas, 21 de Setembro de 1.974



EXMO. SR. PROF. CELSO MARIA DE MELO PUPO
M.D. DIRETOR DO MUSEU NACIONAL DE CAMPINAS

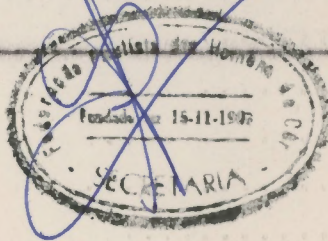
Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas toma a liberdade de vos convidar a V.Excia., afim de comparecer nas Homenagens que será realizada no proximo dia 28 de Setembro as 20 horas, em frente a Igreja São Benedito dedicado ao Dia da "MÃE PRETA" (palangue).

Assim sendo contando desde já com a sua presença.

Grato Subscreevo-me

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



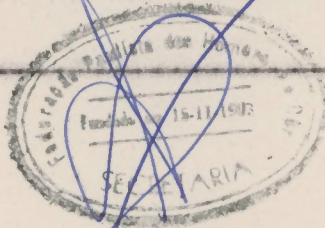
EXMO. SR. DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
D.D. PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINAS

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente, Sábado dia da Mãe Preta e Domingo dia 29 dia da festa de São Benedito o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosa e por meio do presente Ofício vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste, festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito, com homenagem a "MÃE PRETA" (palanque)

Com nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



Exmo. Sr. PEDRO DE AZEVEDO
M.D. PRESIDENTE DO CLUBE DE RADIALISTAS DE CAMPINAS.

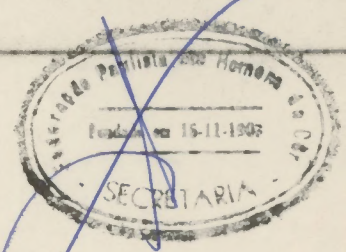
Copia

A Federação Paulista dos Homens de Cgr de Campinas, toma a liberdade de vos convidar a V.Excia., afim de comparecer nas Homenagens que será realizada no proximo dia 28 de Setembro as 20 - horas, em frente a IGREJA SÃO BENEDITO dedicado ao Dia da "MÃE PRE-TA" - (palanque).

Assim sendo contando desde já com a sua presença.

Grato subscrevo-me

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



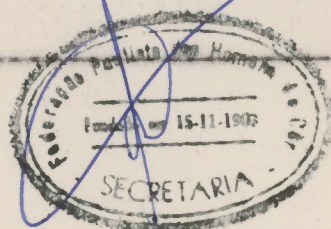
EXMO. SR; DR. ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS JUNIOR
M.D. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado, dia da Mãe Preta e Domingo dia 29, dia da festa de São Benedito o qual a mesma patrocina, vem nui respeitosa e por meio do presente Officio vos - convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque)

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



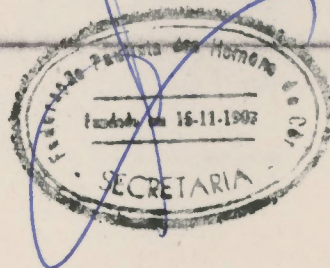
Ilma. Sra. Prof. ANA LUCIA MAIA BONATO
D.D. Diretora do Dep. Municipal de Educação e Cultura

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado dia da Mães Preta e Domingo dia 29, dia da festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina, vem nui respeitosamente pro meio do presente Officio - vos convidar para que no dia 28 ás 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



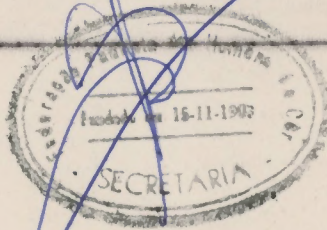
Exmo. Sr. Dr. JOÃO POZZUTO
D.D. Secretário de Obras e Serviços Públicos

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente, Sábado dia da Mãe Preta e Domingo dia 29 dia da festa de São Benedito o qual a mesma patrocinada, vem mui respeitosamente por meio do presente Ofício vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito - com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



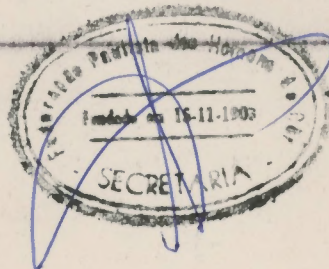
Ilmo. Sr. Prof. JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS RIBEIRO
D.D. Secretário de Educação e Cultura

Copier

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente, Sábado dia da Mãe Preta e Domingo Dia 29 dia da festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosamente por meio do presente Offício vos - convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito, com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



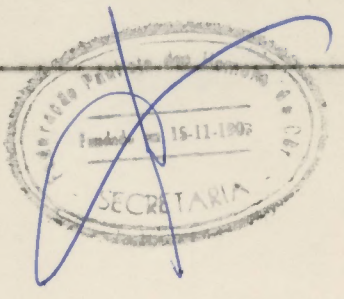
EXMO. SR. CORONEL COMANDANTE DO 5º G.C.A.N.

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado, dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da festa de São Benedito o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosamente por meio do presente Ofício vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com Homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos subscrevo

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



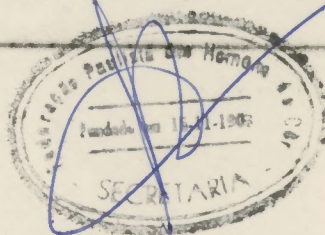
EXMO. SR. COMANDANTE DO 8º B.C. DE CAMPINAS

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina vem mui respeitosamente por meio do presente Officio vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, - qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo

Campinas, 21 de Setembro de 1974



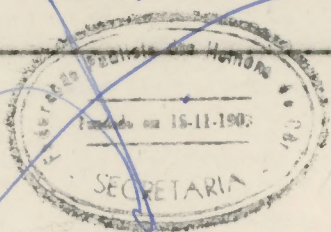
EXMO. Sr. DR. DELEGADO REGIONAL DE POLICIA DE CAMPINAS

Original

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente, Sábado dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina vem mui respeitosamente por meio do presente Officio vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com Homenagem a - "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



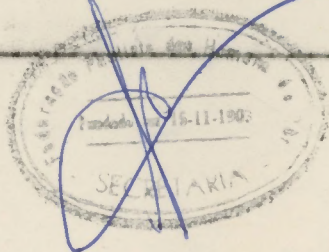
EXMO. SR. COMANDANTE DA GUARNIÇÃO DE BOMBEIROS DE CAMPINAS

Ofício

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente, Sábado dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosamente por meio do presente Ofício vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



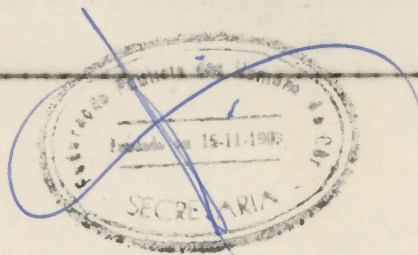
Exmo. Sr. Dr. DIRCEU ROSA CAMARGO
M.D. ASSISTENTE JURIDICO DA P.M. DE CAMPINAS

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sabado dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosamente por meio do presente Officio vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com Homenagem a "MÃE PRETA" -- (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo.

Campinas, 21 de Setembro de 1.974

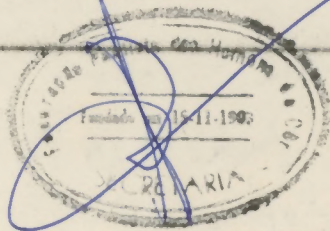


Ilmo. Sr. PRESIDENTE DO CLUB CULTURAL DE CAMPINAS

Cópia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina, vem mui respeitosamente por meio do presente Offício vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V. Excia., tome parte neste festival, qual será realizado em frente a Igreja de São Benedito com Homenagem a "MÃE PRETA" - (palanque).

Com os nossos agradecimentos, subscrevo



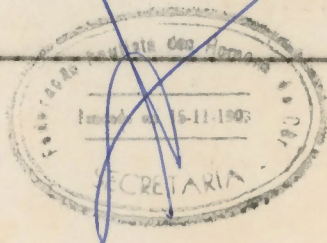
EXMO. SR. CORONEL COMANDANTE DA ESCOLA PREPARATORIA DE CADETES

Copia

A Federação Paulista dos Homens de Cor de Campinas, devendo realizar-se no dia 28 do presente Sábado dia da MÃE PRETA e Domingo dia 29 dia da Festa de São Benedito, o qual a mesma patrocina vem mui respeitosamente por meio do presente Officio vos convidar para que no dia 28 as 20 horas, V.Excia., tome parte neste festival, qual será realizada em frente a Igreja de São Benedito com Homenagem a - "MÃE PRETA" - (palanque) .

Com os nosso agradecimentos, subscrevo

Campinas, 21 de Setembro de 1.974



Revolta de escravos no Espírito Santo

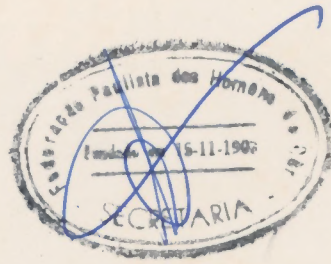
Odilon Nogueira de Matos

A Fundação Ceciliano Abel de Almeida, órgão vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo, vem de reeditar, com base no texto da edição de 1927, o trabalho de Afonso Cláudio que trata de uma revolta de escravos ocorrida em março de 1849 no distrito de São José do Queimado, município de Serra, no estado capixaba. Dessa revolta, efêmera mas particularmente dramática, e que se tornou conhecida pelo nome de "Insurreição do Queimado", muito permanece ainda inexplicado, o que se deve sobretudo ao extravio não só do processo-crime, como também de confissões, interrogatórios e sentenças. A presente edição, diz a nota de apresentação do volume, "não se propõe a esclarecer todos esses pontos, o que demandaria um trabalho de muito maior amplitude". Propõe-se a tornar acessível ao público de hoje o texto de Afonso Cláudio, até agora uma raridade bibliográfica e a chamar a atenção para alguns tópicos passíveis de reestudo e reinterpretção. O que já não é pouco, embora os temas omissos sejam da mais alta importância. A carência de fontes não ocorre apenas com relação à revolta espiritosantense, mas é comum a todas as revoltas de escravos havidas no Brasil. Sem contar, ainda, com o "tabu" que durante muito tempo existiu em torno do assunto e que só vem sendo vencido pela historiografia moderna à custa de muita insistência.

Esta nova edição foi acrescida de um repertório da documentação existente no Arquivo Público Estadual (do Espírito Santo) sobre a insurreição e de uma coletânea de alguns textos bastante significativos, que certamente serão de interesse para futuros pesquisadores. O autor, Afonso Cláudio de Freitas Rosa, nasceu em 1859 no município de Porto Cachoeiro de Santa Leopoldina.

Formou-se pela Faculdade do Recife, tendo aí sofrido forte influência de Tobias Barreto e Silvio Romero. Abolicionista e republicano, tornou-se o primeiro presidente do Espírito Santo no novo regime. Deixou obras sobre direito, sociologia e história. Seu estudo sobre a "Insurreição do Queimado" foi escrito em 1884, mas só veio à luz em 1927. Não se esclarece, nesta reedição, porque tão importante trabalho permaneceu inédito por mais de quarenta anos.

Afonso Cláudio (tornou-se conhecido por esta forma simplificada de seu nome) é figura por demais lembrada em seu Estado, onde uma importante cidade traz o seu nome. Faleceu em 1934. Convém registrar que o volume figura numa importante coleção denominada "Estudos Capixabas", na qual se publicou, como primeiro título, as "Memórias de um imigrante italiano", de Orestes Bissoli, um dos mais interessantes documentos do gênero, já publicados entre nós.



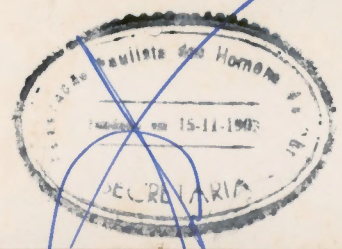
Recortes dos Jornais

DIVULGAÇÃO DAS
HOMENAGEM

* *
*

CORREIO POPULAR

Quinta-feira, 19 de setembro de 1974



CAMPINAS VAI REVERENCIAR "MÃE PRETA"

Através de expressivas festividades que serão realizadas nos dias 28 e 29 próximos, a Federação Paulista dos Homens de Cór, que tem na sua presidência o sr. Benedito Evangelista, prestará uma homenagem à Mãe Preta, com expressivas solenidades que serão realizadas no Largo S. Benedito — defronte ao tradicional templo dedicado a esse Santo — justamente no local onde, possivelmente será erguido o monumento à mãe preta, conforme projeto do vereador José Nassif Mokarzel, que também se há homenageado na ocasião, em virtude de sua oportuna e louvável iniciativa. Nessa oportunidade, será lido o memorial assinado pelos diretores e associados da Federação e outras entidades, pleiteando ao prefeito municipal, Lauro Pericles Gonçalves, a designação do Largo S. Benedito para a erecção do monumento, sugerindo uma providencia no sentido do projeto ser atribuído ao consagrado escultor Lelio Colucini, que já deu a Campinas belíssimos monumentos, como o das "Andorinhas" (no qual está faltando uma placa indicativa sobre o sentido da homenagem), o monumento do bicentenário e tantos outros trabalhos de grande valor.

No sábado, dia 28, à noite, haverá concentração no local, quando o vereador José Nassif Mokarzel será homenageado.



VISITA AO CORREIO

O sr. Benedito Evangelista esteve ontem em visita à redação do CORREIO, para comunicar a realização dessa festa — que reata uma antiga tradição em Campinas; em companhia do sr. Marcolino Quirino Coelho, membro do conselho da referida entidade. Ambos salientaram o sentido da homenagem, traduzindo o carinho à mãe preta, acentuando que as comemorações se-

rão realizadas sábado e domingo, com cerimônias religiosas na tradicional Igreja de S. Benedito — realização do "menestre Tito" — ex-escravo e de d. Ana Gonzaga. Haverá missa, com a participação do Coral dirigido por d. Maria B. Baltazar, Banda dos Homens de Cór, além de promoções no Largo fronteiro, com muitas atrações.

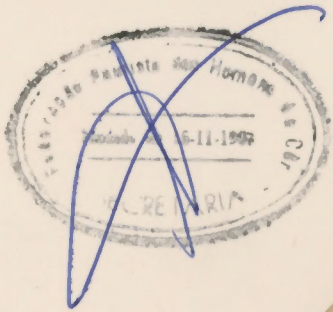
A grande esperança dos homens de cór é de que o pre-

feito municipal, Lauro Pericles Gonçalves, encampe a idéia do monumento à mãe preta, mesmo que seja um monumento modesto, considerando a política de restrição de despesas da Prefeitura, mas que signifique uma perene homenagem à mãe preta, exemplo de abnegação, amor e fraternidade. A mãe preta-símbolo será d. Belizaria Fernandes de Campos, nascida em Sousa, há mais de cem anos.

8

DIÁRIO DO POVO

Campinas, 4.a feira, 25 de setembro 1974



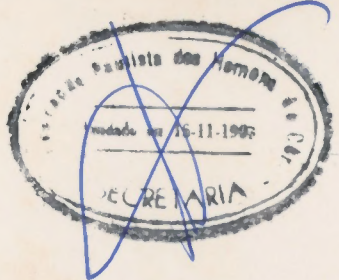
Festa "São Benedito" já tem programa

Realiza-se de 26 a 30 de setembro próximo a festa no Largo São Benedito, com solenidades que serão realizadas a participação da Corporação Musical do povo de Campinas, contando também com Cor nas festividades. O ponto alto será no domingo, dia 29, quando autoridades campineiras serão homenageadas no Largo, onde possivelmente será erguido um monumento em dedicação a Mãe Preta. As festi- vidades contam com o seguinte programa: Dias 26, 27 e 28, às 7,15 e às 19 horas, missas, com pregação e oração a São Benedito; dia 29, domingo, missa celebrada na Intenção dos paróquianos, benfeitores, amigos e devotos de São Benedito, e uma homenagem especial à Mãe Preta. Os cantos estarão a cargo do Coral "Dona Maria N. Baltazar"; dia 30, segunda-feira, às 19 horas, missa pelas almas dos paróquianos, benfeitores, amigos e devotos de São Benedito falecidos. Sem fazer parte das festividades, no dia 29 haverá um almoço de participação, às 12 horas, na Creche Bento Quirino, e nos dias 28 e 29 estará funcionando um bazar beneficente no salão paroquial.

no, e nos dias 28 e 29 estará funcionando um bazar beneficente no salão paroquial.

CORREIO POPULAR

Quinta-feira, 26 de setembro de 1974



"Dia da Mãe Preta": Comemorações em homenagem

Vem repercutindo intensamente, a iniciativa da Federação Paulista dos Homens de Cor, promovendo, sábado e domingo, festividades em homenagem à Mãe Preta, em louvor a São Benedito. O programa terá início no sábado, às 20 horas, no Largo São Benedito, quando será homenageada a "mãe preta"-símbolo, d. Belizaria Campos de Oliveira, que acaba de completar 100 anos de idade, com plena lucidez de espírito e boa saúde, apesar do peso dos anos.

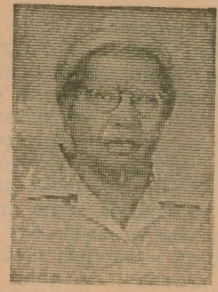
MONUMENTO

Nessa oportunidade, usará da palavra o sr. Benedito Evangelista, presidente da Federação Paulista dos Homens de Cor, formulando, em nome da entidade, um apelo ao prefeito municipal, Lauro Péricles Gonçalves, no sentido de que atenda a sugestão formulada pelo vereador José Nassif Mokarzel, para que, defronte ao tradicional templo construído pelo mestre Tito, seja erguido um pequeno monumento em homenagem à mãe preta, exemplo admirável de espírito de sacrifício, renúncia e dedicação. Espera a Federação que o apelo seja atendido, mesmo porque a pretensão, além de justa, não irá contrariar a política de

contenção adotada pelo prefeito, uma vez que o monumento seria simples e modesto, bem consentâneo com o espírito da homenagem.

Convites foram dirigidos às autoridades locais, vereadores, para que prestigiem essa festa, na qual será também homenageado o vereador José Nassif Mokarzel, pela sua oportuna iniciativa.

No domingo, Dia de São Benedito, haverá, às 18,30 horas, missa na Igreja, seguindo-se uma festividade no Largo, abrilhantada pela Banda dos Homens de Cor.

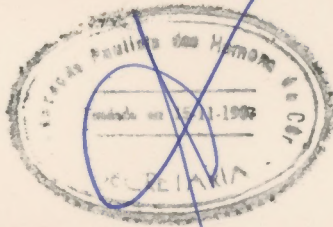


Dona Belizaria Campos
Oliveira

CORREIO POPULAR

Sábado, 28 de setembro de 1974

FPHC 2-50

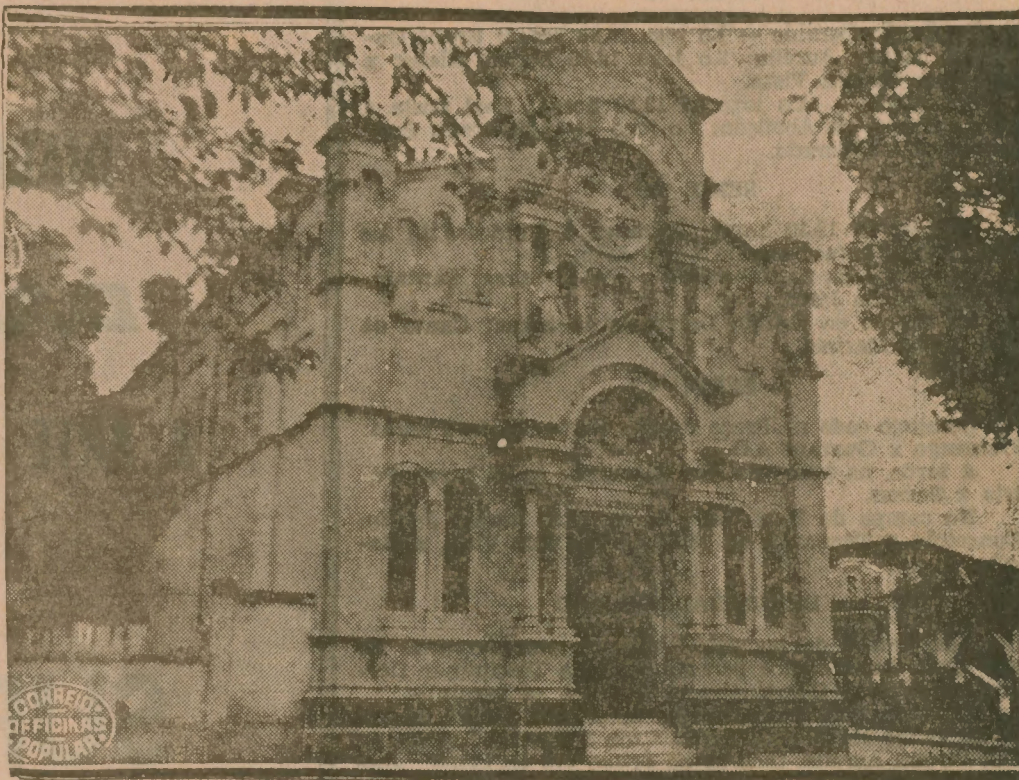


Homenagens em louvor a São Benedito e Mãe Preta

Restabelecendo uma antiga e bonita tradição, a Federação Paulista dos Homens de Cór vem promovendo festividades em homenagem à Mãe Preta, que coincidem com as comemorações religiosas em louvor a São Benedito, cujo templo — um dos mais tradicionais da cidade — foi construído graças à extrema dedicação de um escravo, o mestre Tito coadjuvado por um grupo de piedosas senhoras, tendo à frente d. Ana Gonzaga.

O programa de hoje prevê missas às 7,15 e 19 horas, com pregação e oração, na Igreja de S. Benedito. No largo frontal, às 20 horas, expressiva homenagem à Mãe Preta, com a presença da mãe preta símbolo, d. Belizaria de Campos, que acaba de completar 100 anos de idade, perfeitamente lucida.

Falará, inicialmente, o sr. Benedito Evangelista, presidente da Federação Paulista dos Homens de Cór, saudando d. Belizaria de Campos, às autoridades e o vereador José Nassif Mokarzel, autor do projeto sobre a ereção do monumento à mãe preta. Um apelo será formulado ao prefeito municipal, Lauro Pericles Gonçalves, no sentido de que converta em realidade a iniciativa do aludido vereador,



Igreja São Benedito

mandando construir um monumento simples mas altamente significativo, no largo frente à Igreja.

O vereador José Nassif Mokarzel discursará, agradecen-

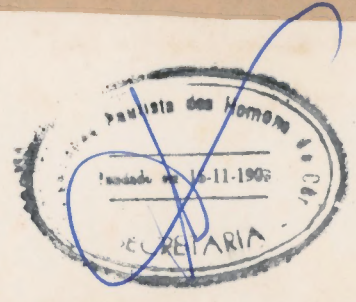
do. Finda a cerimônia, haverá uma parte festiva, animada pela Banda Musical dos Homens de Cór.

Autoridades civis e militares, vereadores e outras personali-

dades, foram convidadas para as festividades de hoje. A Prefeitura mandou colocar um palanque no Largo S. Benedito, onde permanecerão as autoridades.

CORREIO POPULAR

Campinas, 29 de Setembro de 1974



EUBIOSE

HOMENAGEM AO 28 DE SETEMBRO

Entre as datas gloriosas que marcam os grandes acontecimentos dentro da Obra que a Sociedade Brasileira de Eubiose realiza em nossa terra, destaca-se a de 28 de setembro de 1921, quando, na Estancia hidromineral de São Lourenço (Minas Gerais), ocorreu sua fundação espiritual, ou seja, o remate daquele trabalho que comanda o movimento da evolução da humanidade.

Dizemos fundação espiritual, porque a materia somente teve lugar a 10 de agosto de 1924, em Niteroi (Est. Rio), sem contar a fundação histórica que se deu a 24 de junho de 1899, na Ilha de Itaparica (Bahia), por ter sido ali o Berço da Civilização Brasileira, reduto do Tupinambas, onde Catarina Paraguaçu, unindo-se a Caramuru, vinha fixar as sementes na fusão das duas raças ou ramos atlantes nas margens opostas do grande mar.

Portanto, em data de 28 de setembro de 1921, com a subida dos "Gemeos Espirituais" à Montanha Sagrada, em São Lourenço, naquele determinado lugar e na data precisa, firmava-se em nossa pátria o que já estava escrito no Livro da Eterna Sabedoria, cuja pagina pétrea é o magnifico Templo ali erguido, dedicado ao Supremo Arquitecto, na sua manifestação ciclica na Avatara Maitreya.

A Obra em que se acha empenhada a Sociedade Brasileira de Eubiose, é tão antiga como a propria humanidade, que, na sua marcha evolucion

nal, jamais deixou de ser trabalhada e impulsionada pelos abnegados emissarios das Organizações Iniciaticas, que promoveram aquela previsão da mudança de ciclo do Oriente para o Ocidente, contida no livro mais antigo do mundo, o "Vishnu Purana".

Assim, a Sociedade Brasileira de Eubiose, realizando seu trabalho em nossa patria com plena autonomia espiritual, se acha ligada, de certo modo, ao multi-secular movimento espiritual designado Shudda-Dharma-Mandalam ou Hierarquia Oculta, conhecido também pelo nome de Grande Fraternidade Branca.

Na classica Helade, o referido movimento é conhecido como o "Jardim das Hespérides", sob cuja augusta égide floresceram os famosos centros de cultura Iniciatica, onde se processavam os classicos Misterios: Tebas, Alexandria, Salem, Damasco, Takura, Oelfos, Eleusis, Dodona etc. Tais centros sempre foram os depositarios ciclicos de uma ciencia hieratica e avassaladora que pretende abarcar, em toda sua intrinseca natureza, a lei que rege a evolução. Essa ciencia, desde o século III da nossa era,, é designada pelo termo grego: Teosofia, ou seja, Sabedoria dos Deuses.

O proprio Voltaire, o céptico do seculo XVIII, reconhecia os beneficios dos ensinamentos inicíticos, o dizer "Entre o caos das supertições populares existe uma Instituição, a dos Mistérios, que sempre evita a queda do homem na brutalidade absoluta".

H. Federação Paulista dos Homens de
Cór. de Campinas

Agradece ao Nobre
Vereador Dr. José Vassil Makergel pela sua
feliz iniciativa a Coleção Câmara Municipal
de Campinas, a que manda erigir uma
Estátua Dedicada à "Mãe Preta"

Of. no 290/74 de 2 Maio 974

Campanha 28 de Setembro de 1974
R. Medeiros Angelista
Diretor Presidente

